

NOTICIÁRIO

Discurso de saudação, em nome do corpo docente do Instituto de Letras, aos Professores Evanildo Cavalcante Bechara, Maria Helena Peixoto Kopschitz, Maximiano de Carvalho e Silva, Rosalvo do Valle e Sílvio Edmundo Elia na outorga do título de professor Emérito pela Universidade Federal Fluminense (10-01-2001)

Professor Carlos Eduardo Falcão Uchôa

A minha atividade docente universitária, os meus quarenta anos de Universidade Federal Fluminense, têm, nesta longa trajetória, me proporcionado inúmeras e fundas alegrias e realizações. O dia de hoje, este 10 de janeiro de 2001, certamente será data que ocupará um lugar do mais pleno destaque no meu currículo acadêmico e, o que vale muito mais para mim nesta altura da existência, será data que representará uma ocasião de incontida emoção, do mais profundo sentir para o meu coração, que pulsa descompassadamente ao viver aqui, nesta solenidade, a gratíssima incumbência, que o Colegiado do Instituto de Letras generosamente me outorgou, escolhendo-me para saudar, em nome da nossa instituição, cinco colegas, no dia em que a Universidade Federal Fluminense os acolhe com a mais alta deferência que a um professor da Universidade se concede: a emergência.

Senhores Professores Eméritos: estejam certos, honra-me, envaidece-me, mas sobretudo me invade um mundo de lembranças e evocações, o dirigir-me hoje aos senhores para testemunhar, exaltar como merecem, a relevante atuação que, durante anos, marcou-lhes a presença nesta Universidade. Dirigir-me agora aos colegas eméritos é, na verdade, recordar tantos e tantos anos de convívio, expressando o que penso e sinto deste longo caminhar, em meio a inevitáveis vicissitudes, encontros e desencontros, que a vida vai tecendo inexoravelmente. Quando escrevemos, estamos na verdade interpretando, estamos lendo algum aspecto do mundo, dos outros, do eu no mundo, do eu nos outros e com os outros.

Senhores Professores Eméritos: vejo-os como cinco representantes dos mais ilustres de uma geração cultural marcada por uma sólida formação humanística. Aos cinco colegas cabe à perfeição o papel do intelectual. Este, na visão de Milton Santos, um dos mais respeitados pensadores do país, é aquele que dedica todo o tempo à busca incansada da verdade, com a coragem, sempre que necessária, para criticá-la, com o pensamento permanente no porvir.

Voltados para diversos campos do conhecimento da linguagem, todos os professores que hoje recebem a emergência foram mestres de gerações, meus mestres. De todos eles recebi ensinamentos, em salas de aula e sobretudo em incontáveis encontros pessoais, ensinamentos imprescindíveis à minha formação de intelectual e de lingüista, na minha luta particular de achar a minha verdade, que me possibilitasse ser um professor cômico de minha função na Universidade. Sou, como tantos outros colegas, muito afortunado de tê-los encontrado na vida, pois tê-los como mestres foi decisivo não só pelo que nos transmitiram, como também por nos tornarem capazes de ampliar e aplicar o conhecimento apreendido, impossibilitando que viéssemos a ser, ainda com Milton Santos, meros letrados, incapazes de nos situarmos criticamente ante a pluralidade de idéias que deve prevalecer no mundo acadêmico, ou iludidos pela sedução de qualquer -ismo que logo se mostraria efêmero pela sua inconsistência.

Começo por saudar o Professor Sílvio Edmundo Elia, aqui representado por sua viúva, D. Maria José da Fonseca Elia, padrão de dignidade e de ternura, companheira de todas as horas de um homem com cuja falta nos resignamos, apoiando-nos em Guimarães Rosa: “ele não morreu, ficou encantado”. Há anos atrás, ao ter eu a honra de escrever a apresentação da 24 edição revista e ampliada de *Orientações da Lingüística Moderna*, assinalava: “A primeira observação que se pode fazer do conjunto de trabalhos de Sílvio Elia é a variedade dos temas tratados, reflexo da curiosidade de um estudioso dotado de esplêndida formação humanística. Dedicou-se ele aos estudos latinos e românicos; a investigações, muito diversificadas, sobre o português; a reflexões sobre diversos momentos da história da Lingüística. Fez ainda uma ou outra incursão pelo campo da crítica literária”. E acrescentava eu pouco adiante: “Em toda esta variada contribuição de Sílvio Elia para os estudos lingüístico-filológicos no Brasil sobressai-se o crítico de idéias, o estudioso que, lendo os primeiros gramáticos portugueses ou Chomsky, está sempre interpretando, situando, retificando, confrontando, sugerindo, levantando dúvidas...” Algumas de suas obras receberam expressiva consagração como *O problema da língua brasileira*, publicada quando muito jovem, em 1940, com que alcançou o prêmio João Ribeiro da Academia Brasileira de Letras.

O Professor Sílvio Elia foi Professor Titular de Filologia Românica da PUC do Rio de Janeiro e da Universidade Católica de Petrópolis, Professor Titular de Lingüística da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Faculdade de Humanidades Pedro II, Professor visitante da Universidade de Lisboa e da Universidade de Coimbra. Na Universidade Federal Fluminense, onde ingressou nos anos 70, foi de inestimável importância o curso sobre História da Lingüística, com dois semestres de duração, que ministrou ao longo de muitos anos no Mestrado em Letras e as várias dissertações que orientou neste curso.

Mas não quero cingir-me aqui a enumerar suas inúmeras obras, algumas de alcance internacional, como *Preparação à Lingüística Românica*. Não quero deixar de ressaltar neste evento acadêmico a figura humana que foi Sílvio Elia: com sua cordialidade aliada à defesa intransigente, e até veemente, de suas verdades, angariou pela vida afora inúmeros amigos. Espirituoso sutil, era pessoa muito afetiva. Quando seu irmão querido, mais moço, o Professor Hamilton Elia, morreu, li na faixa que se sobrepunha à coroa por ele enviada: Hamilton, que saudade! Sílvio Elia dignificou o magistério brasileiro pelos seus exemplos, pelas atitudes tomadas em defesa permanente dos interesses do professorado brasileiro e pelo seu amor aos livros. Foi uma vida de estudo. Leu e escreveu até morrer, procurando sempre inteirar-se do que era publicado para poder situar-se criticamente ante o aparecimento de novos caminhos no estudo da linguagem.

Saúdo agora o professor Evanildo Cavalcante Bechara. Professor Bechara, que teve como mestre o notável Said Ali, foi um digno continuador seu nos estudos sobre o português. Desde muito cedo, incansável e devotado pesquisador de nossa língua em todas as suas épocas e domínios (especialmente o da sintaxe), veio a alcançar, com justiça, títulos do mais alto prestígio, como o de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Coimbra, o de membro da Academia de Ciências de Lisboa, o de Professor Emérito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e o de membro mais recente da nossa Academia Brasileira de Letras.

Testemunha também expressivamente a sua alta competência o de ter se submetido, desde muito moço, e brilhantemente em todas as ocasiões, a oito concursos públicos, destacando-se os prestados para a Cátedra de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II (com 27 anos), para a Cátedra de Língua e Literatura do tradicional Instituto de Educação do Rio de Janeiro (com 35 anos), para a Cátedra de Filologia Românica da hoje Universidade do Estado do Rio de Janeiro (aos 36 anos), e para Titular de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense, onde ingressou nos anos 70 para lecionar no Mestrado

em Letras, tendo orientado cerca de 30 dissertações. Foi ainda Professor visitante da Universidade de Colônia (Alemanha) e da Universidade Católica de Nimega (Holanda).

Uma vida consagrada ao estudo e ao magistério propiciou ao professor Bechara uma produção intelectual das mais significativas, nela sobressaindo a sua *Moderna Gramática Portuguesa*, que alcançou, desde a sua primeira edição de 1961, extraordinária aceitação, com sucessivas edições até 1999, quando, em sua 37ª edição revista e ampliada, produz, a rigor, em quase 700 páginas, uma nova obra, graças à permanente atualização de seu autor. Por ocasião da edição inaugural da *Gramática* de Bechara, não errou aquele que hoje o saúda, quando jovem petulante, recém saído dos bancos da Universidade, mas entusiasmado ao ver registrados, pela primeira vez em gramática da nossa língua, vários tópicos encarados à luz dos mais recentes estudos lingüísticos de então, previu ao final de sua resenha: “que ela representará, em relação a boa parte do nosso magistério, uma nova tomada de posição no que diz respeito a muitos pontos da nossa gramática”. Certo é que a gramaticologia do português terá na *Gramática* do professor Bechara um marco importante no estudo na nossa língua.

Da figura humana do Professor Evanildo Bechara realço a amabilidade no convívio com os seus amigos, colegas e alunos, a prestimosidade de servir o próximo e o respeito sempre cultivado pelos seus mestres.

Saúdo a seguir a professora Maria Helena Peixoto Kopschitz. Formada pela Faculdade Nacional de Filosofia da antiga Universidade do Brasil, onde inicia o exercício do magistério superior como auxiliar de ensino da Cadeira de Língua e Literatura Inglesa, a Professora Maria Helena teve como sua grande mestra a eminente Professora Aíla de Oliveira Gomes, a quem coube dar uma feição moderna à crítica literária na Cadeira. A Professora Maria Helena ingressa na Universidade Federal Fluminense em 1960, ano de sua fundação, como assistente de Didática Geral e Especial, a convite do professor Gladstone Chaves de Melo. Em 1965, assume a regência de Língua e Literatura Inglesa, na Universidade Federal Fluminense, de que vem a se tornar Professora Titular. Em 1983, coordena e organiza o Curso de Especialização em Literaturas de Língua Inglesa, dando ênfase especial ao estudo e à tradução de textos em língua inglesa que pertencem ao processo cultural irlandês, já então tendo defendido a sua dissertação de Mestrado na UFRJ e a sua tese de livre-docência na UFF, ambas sobre o irlandês Samuel Beckett, de que se mostra profunda conhecedora. Em 1985, realiza estudos de Pós-Doutorado em Literatura Irlandesa de Língua Inglesa na Queen's University of Belfast tornando-se Membro Visitante do Instituto de Estudos Irlandeses do Departamento de Inglês da

mesma Universidade. De 1985 a 1991, coordena o convênio de intercâmbio firmado pela Queen's University of Belfast e a Universidade Federal Fluminense. Todos estes fatos foram intencionalmente arrolados para evidenciar o papel sobremodo relevante que a Prof^a Maria Helena desempenhou na Universidade Federal Fluminense, tornando-se a colega referência obrigatória em seu campo de estudo no Brasil.

Sua figura humana, em que encontramos tantos atributos, como o da retidão, o do equilíbrio, o da lealdade, o da firmeza, teve a maior importância na história do nosso Instituto de Letras. Sua fala macia, mas segura, sua reconhecida capacidade argumentativa, foram, em muitas ocasiões, fatores decisivos para amainar os espíritos e alcançar o entendimento em nossa instituição. Nela sempre prevaleceu a intenção de fazer justiça, de ajudar, de ouvir mais do que falar, sem jamais, contudo, ressaltar-se, de explicitar e bem explicitar suas idéias.

Saúdo em continuação o Professor Maximiano de Carvalho e Silva. Formado também pela Faculdade Nacional de Filosofia da antiga Universidade do Brasil, onde teve como mestre o admirável filólogo brasileiro Sousa da Silveira, que marcará profundamente sua formação e sua trajetória acadêmica, o Professor Maximiano tornou-se seguramente o seu maior discípulo no terreno da crítica textual. O magistério universitário, inicia-o em 53 na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde, durante alguns anos, ministrou aulas de língua e Literaturas de Língua Portuguesa, nos cursos de Jornalismo e Letras, como assistente do professor Gladstone Chaves de Melo. Ingressa em 57 na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que se agregaria, poucos anos depois, a Universidade Federal Fluminense. Torna-se professor Titular de Língua portuguesa da UFF e livre-docente em Filologia Portuguesa, entendida como crítica textual, defendendo a tese *Sousa da Silveira: o homem e a obra: sua contribuição à crítica textual no Brasil*, publicada por uma coedição da editora Presença com o Instituto Nacional do Livro.

No vasto campo de estudo da nossa língua, dedica-se permanentemente à crítica textual, ou seja, ao estudo da fixação e interpretação de textos, tornando-se neste domínio uma das nossas maiores autoridades. Em 1978, consegue que a Crítica Textual fosse desmembrada do Setor de Língua Portuguesa, constituindo-se matéria autônoma no Curso de Letras da UFF, uma iniciativa pioneira no Brasil. O Professor Maximiano de Carvalho Silva apresenta em seu currículo produção intelectual das mais expressivas, direcionadas, sobretudo, para o preparo de modelares edições críticas, como as relativas aos romances de José de Alencar e à obra *Amor de perdição* de Camilo Castelo Branco.

Além da sua produção intelectual intensa, com que tornou a Universidade Federal Fluminense uma referência no Brasil na área da crítica textual, o Professor Maximiano de Carvalho e Silva será, também, por outros aspectos relevantes, nome inesquecível na história do Instituto de Letras da Universidade. Foi o primeiro chefe do Departamento de Lingüística e Filologia, quando da criação do Instituto de Letras; coordenador do Curso de Graduação em Letras, por ocasião da reforma universitária, cabendo-lhe preparar e implantar o novo currículo; idealizador e responsável pela criação e coordenação inicial do Curso de Mestrado em Letras; diretor do Instituto de Letras. Nesta última função foi das mais produtivas sua administração, em muito contribuindo para firmar o nosso Instituto de Letras no cenário acadêmico nacional, através de realizações das mais importantes, como a do Programa Especial UFF – Casa de Rui Barbosa, responsável por eventos de larga repercussão, como o I Congresso Internacional de Filologia Portuguesa, a II Reunião Internacional de Camonistas, afora inúmeros cursos de extensão universitária. Mesmo fora do âmbito da Universidade, o Professor Maximiano exerceu funções de inegável prestígio, como a de Diretor de Pesquisa da Casa de Rui Barbosa e membro da Comissão Especial designada pelo Governo brasileiro para organizar e dirigir o programa de comemoração do quarto centenário de *Os Lusíadas*.

Avultam na figura humana do Professor Maximiano de Carvalho e Silva a seriedade, o seu determinismo de alcançar as metas fixadas e o seu entusiasmo em transmitir o saber acumulado aos que o procuravam por uma palavra de orientação.

Saúdo, nesta peregrinação pelas realizações e atributos dos cinco professores eméritos, o Professor Rosalvo do Valle. Formado ele também pela Faculdade Nacional de Filosofia da então Universidade do Brasil, inicia o exercício do magistério superior na Faculdade Fluminense de Filosofia, Ciências e Letras, em 1949, quando ainda apenas bacharel em Letras. Em 1950-1952 leciona na Universidade do Brasil, onde atuou como Auxiliar de Ensino de Língua e Literatura Latina, por indicação do Professor Catedrático Ernesto Faria, nome dos mais conceituados nesta área de estudo no Brasil. Na Faculdade Fluminense de Filosofia, Ciências e Letras, o Professor Rosalvo do Valle iria ser assistente de Latim, trabalhando com aquele de que fora aluno no curso secundário e de quem se tornaria discípulo e grande amigo: o Professor Ismael de Lima Coutinho. Não posso omitir aqui a forte influência exercida sobre o Professor Rosalvo por outro grande mestre e amigo seu, desde o curso secundário e na Faculdade Fluminense de Filosofia: o insigne helenista Professor Baltazar Xavier. Ainda na Faculdade Fluminense de Filosofia, o Professor Rosalvo do Valle passa a ocupar a Regência de Língua Portuguesa. Já criada a Universidade Federal Fluminense e com a morte do Professor Ismael

de Lima Coutinho (em 65), o Professor Rosalvo do Valle se transfere para a sua Cadeira inicial, a de Língua e Literatura Latina, vindo a ser seu Professor Titular. No magistério superior, o Professor Rosalvo integrou ainda o corpo docente da Universidade Santa Úrsula e da Universidade Gama Filho.

Em 75, alcança o título de livre-docente em Língua Latina com a tese *Considerações sobre a Peregrinatio Aetheriae*, pesquisa que evidencia o grande interesse do Professor Rosalvo, a partir de certo momento de sua trajetória acadêmica, pelo estudo dos textos da latinidade tardia, numa posição pioneira, entre nós, de não limitar o estudo do latim aos clássicos, que fora o modelo de sua formação na Faculdade Nacional de Filosofia.

Por sua atividade docente em nossa Universidade, que remonta ao tempo da Faculdade Fluminense de Filosofia, Ciências e Letras como instituição não governamental, e pelas diversas outras funções de relevo que nela exerceu, o professor Rosalvo do Valle se tornou também nome da mais alta importância na história do Instituto de Letras da UFF. Foi o primeiro diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFF; coordenador da Comissão para promover os estudos sobre a criação e organização do Instituto de Letras da novel Universidade; primeiro diretor do Instituto de Letras; coordenador do Curso de Mestrado em Letras.

Quanto à figura humana do professor Rosalvo do Valle, só me socorrendo, uma vez mais, da magia verbal de Guimarães Rosa: “Era uma vez uma vez, e nessa vez um homem. Súbito, sem sofrer, diz, afirma: “Lá...Mas eu não acho as palavras”. Deixo a emoção mais funda passar. Assalta-me o medo de Guimarães Rosa ainda: “nessas tão minhas lembranças, eu mesmo desapareci”. Reajo. Ouso, mas apenas o muito sabido: a inteligência viva, o humor, o professor, o grande professor, o meu professor.

Senhores Professores Eméritos:

É, com inteira justiça, que a Universidade Federal Fluminense os homenageia hoje com a emergência, reconhecimento de um trabalho de anos, competente e frutífero, que nela desenvolveram, uma contribuição decisiva para a criação e o crescimento acadêmico do Instituto de Letras. Este, através de seu atual corpo docente, sente-se profundamente enaltecido por vê-los reconhecidos como partícipes dos mais expressivos de sua história. Não importa que a presença física nos vá distanciando. É como diz Bandeira, o poeta: “Se nos apartar o espaço, o tempo – esse nos liga. / A lembrança é no amor a cadeia mais pura”.

Prof. Carlos Eduardo Falcão Uchôa